UFBA
Faculdade de Direito
REVISTA DIREITO E SEXUALIDADE
ISSN 2675-3596

A IMPORTÂNCIA DA VERIFICAÇÃO DOS DADOS E O RISCO PARA A CREDIBILIDADE DAS PAUTAS LGBTIAPN+

A vulnerabilidade que atinge a vivência das minorias sexuais é tamanha que impõe àqueles que se dedicam a pesquisar sobre o tema um dever de responsabilidade acadêmica ainda mais severo do que o ordinariamente imposto, principalmente pela necessidade de transpor todos os preconceitos consolidados.

A comunidade LGBTIAPN+ convive com uma série de estereótipos que a estigmatiza, inferiorizando-a face a sua discrepância em relação ao que se tem por esperado, atribuindo-lhe rótulos depreciativos[1], intitulando-a como uma coletividade composta por pessoas “abjetas, ininteligíveis, não humanas e desviantes da norma”[2]. Aos militantes também se atribui adjetivos como raivosos, insanos, excessivos, loucos, desequilibrados e toda uma série de expressões desabonadoras, que faz com que muitos recebam com reservas suas manifestações e ponderações sobre a busca da efetivação de seus direitos básicos.

Esse panorama impõe aos estudiosos das questões atinentes à sexualidade, sejam eles integrantes da comunidade ou aliados, extremo rigor cientifico. Contudo entendo que aos aliados esse dever se mostra ainda mais robusto, pois suas palavras são acolhidas pela sociedade envoltas por uma “isenção” que afasta uma crença de parcialidade que repousa sobre o que é exposto pela comunidade e por militantes.

Os aliados, ou “informados” como aduz Erving Goffman, ainda que possam experienciar alguma sorte de estigma ou uma marginalização em relação aos “normais”[3], seguem gozando de todas as prerrogativas que lhes permite acessar e serem olvidos em espaços ordinariamente negados aos socialmente minoritários. É seu mister fazer chegar a todos a compreensão de que não devem prosperar os estigmas pois os desviantes que compõem a comunidade LGBTIANP+ são apenas

[1] GOFFMAN, Erving. Stigma - Notes on the Management of Spoiled Identity, Englewood Cliffs N.J, Prentice-Hall, 1963 (Trad. Bras. Mathias Lambert, Rio de Janeiro, Zahar, 2004), p. 6.

[2] ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Travestis envelhecem? 268 f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2010, p. 137.

[3] ASSENSIO, Cibele Barbalho & SOARES, Roberta. 2022. "Estigma – Erving Goffman". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/conceito/estigma-erving-goffman

pessoas comuns como as demais, que não merecem ser segregadas e discriminadas. É necessário que atuem como agentes nessa luta pelo implemento pleno dos ditames básicos do Estado Democrático de Direito, conscientes de sua responsabilidade não como um equivalente ao mito do "branco salvador" das lutais raciais, mas sim como responsáveis por viabilizar meios para a supressão das desigualdades a partir de seu lugar de privilégios.

Assumindo essa premissa valho-me do presente texto para cumprir com meu dever de propiciar conhecimento com a acuidade necessária, laborando para evitar que um descuido mine o árduo trabalho em busca da igualdade e do implemento de políticas públicas visando garantir a existência das minorias sexuais. É também a oportunidade de esclarecer um equívoco e direcionar novas pesquisas.

Um dos dados mais divulgados e repetidos relacionado às vivências transgênero é o de que sua expectativa de vida é de apenas 35 (trinta e cinco) anos, informação replicada em inúmeros textos, até mesmo por mim[4]. Contudo tal dado não encontra respaldo técnico. Diversamente do que consta de trabalhos publicados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)[5] e do consignado no site do Senado Federal[6] não existe nenhum dado estatístico que confirme a afirmação de que a expectativa de vida de uma pessoa transgênero seja de 35 (trinta e cinco) anos.

Mas de onde vem tal afirmação? Como um dado tão sério acabou tornando-se uma verdade tão sólida a ponto de ser difundida com tamanha amplitude e certeza?

Posso começar simplesmente recorrendo a uma das verdades mais manifestas que permeiam as questões atinentes às minorias sexuais: a ausência de dados oficiais

[4] CUNHA, Leandro Reinaldo da. População transgênero, direitos fundamentais e responsabilidade civil. In: Nelson Rosenvald; Carlos Edison do Rêgo Monteiro Filho; Carlos Eduardo Pianovski Ruzyk. (Org.). Responsabilidade civil e a luta pelos direitos fundamentais. Indaiatuba: Editora Foco, 2023, v. 1, p. 275-290; CUNHA, Leandro Reinaldo da. Genocídio trans: a culpa é de quem?. Revista Direito e Sexualidade. Salvador, v.3, n.1, p. I - IV, 2022; CUNHA, Leandro Reinaldo da. Do dever de especial proteção dos dados de transgêneros. Revista Direito e Sexualidade, Salvador, v. 2, n. 2, p. 213-231, jul./dez. 2021; CUNHA, Leandro Reinaldo da. Identidade de gênero, dever de informar e responsabilidade civil. Revista IBERC, v. 2, n. 1, 22 maio 2019.

[5] BENEVIDES Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2023., p. 34.

[6] Versão atual já informa que a matéria foi atualizada para corrigir informação relativa à expectativa de vida. Disponível em https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional. Acesso em 21 dez.2023.

e a invisibilidade da população transgênero[7]. Não receber a devida atenção desse nosso Estado Esquizofrênico[8] traz consequências, pois face a inexistência de levantamentos governamentais em que possa se fiar, resta ao pesquisador apenas pesquisas e estudos não oficiais.

A severa vulnerabilidade que recai sobre as pessoas transgênero é um traço que permeia os estudos realizados, com o aspecto etário sendo um parâmetro continuamente ressaltado. A precocidade com que transexuais e travestis tem suas vidas ceifadas sustenta a conclusão de que "as que vivem até a velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes"[9].

Ainda assim, mesmo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) asseverando não possuir "dados sobre a população trans"[10], consolidou-se que a expectativa de vida de "de pessoas trans" seria de apenas 35 (trinta e cinco) anos. A fonte ordinariamente relatada de tal informação é o dossiê elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) trazendo dados sobre assassinatos e violências contra travestis e transexuais no Brasil.

Desde a edição de 2021 o dossiê confere a "Antunes (2013)" a informação de que a expectativa de vida de transexuais femininas e travestis seria de 35 (trinta e cinco) anos[11]. Em que pese a indicação, o dossiê não traz as referências bibliográficas que o pautaram, contudo o contexto geral conduz ao livro "Travestis envelhecem?", fruto de sua dissertação de mestrado de Pedro Paulo Sammarco Antunes, publicado em 2013.

Todavia não há no referido trabalho tal assertiva. Da leitura da dissertação é possível localizar algumas passagens nas falas das entrevistadas que podem ter

[7] CUNHA, Leandro Reinaldo da. Da invisibilidade à exposição indevida: as agruras que seguem permeando a vida das pessoas trans no Brasil. Revista Direito e Sexualidade. Salvador, v.3, n.2, p. I - IV, 2022.

[8] CUNHA, Leandro Reinaldo da. Identidade e redesignação de gênero: Aspectos da personalidade, da família e da responsabilidade civil. 2 ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018, p 17.

[9] ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Travestis, envelhecimento e velhice. Revista Kairós-Gerontologia, [S. l.], v. 14, n. Especial10, p. 109–132, 2012, p. 109

[10] Disponível em https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/ibge-e-estudioso-negam-ter-afirmado-que-trans-vivem-ate-35-anos. Acesso em 23 nov.2023.

[11] BENEVIDES Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021, p. 42.

ensejado o equívoco trazido no dossiê[12], contudo sem qualquer menção expressa a uma expectativa de vida. De se consignar que o próprio Pedro Paulo Sammarco Antunes nega que conste de seus escritos a informação sobre expectativa de vida de mulheres transexuais e travestis[13].

Importante se ter o entendimento que a aferição de expectativa de vida de um determinado grupo populacional pressupõe a coleta de uma grande quantidade de dados sobre esses indivíduos. Inexistindo tais dados resta inviável se estabelecer qual seria a expectativa de vida das pessoas transgênero[14].

Outro ponto delicado é o desdobramento atécnico que se deu a essa informação sem respaldo. Mesmo o dossiê tendo afirmado que a referida expectativa de vida estaria afeita a travestis e transexuais femininas houve uma generalização atribuindo tal dado a todas as pessoas transgênero, distorcendo ainda mais a informação.

De qualquer forma há efetivamente uma informação que tem os 35 (trinta e cinco) anos como um marco relevante para as pessoas transgênero: essa é a idade média das vítimas de homicídio. Aproximadamente 80% das pessoas transgênero assassinadas apresentam 35 (trinta e cinco) anos ou menos[15], ou como explicitado pelo levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), “a média de pessoas trans assassinadas entre a idade mínima catalogada (13 anos) até os 35 anos, entre 2017 e 2022” foi de 80%[16].

A TGEU Trans Murder Monitoring – TMM, trabalho realizado pela Transrespct versus Transphobia Wordwild[17] traz que 77% das vítimas transgênero de homicídios têm até 40 anos[18], enquanto a Rede Trans Brasil relata que dos 100 casos de

[12] ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Travestis envelhecem? 268 f. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2010, p. 140, p. 147, p. 163.

[13] Disponível em https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/ibge-e-estudioso-negam-ter-afirmado-que-trans-vivem-ate-35-anos. Acesso em 23 nov.2023.

[14] GARCIA, Bruno Erbisti. É impossível estimar a expectativa de vida da população trans, professor explica. Quem? Números, 30/04/2019. Disponível em: < https://quemnumeros.com/2019/04/30/expectativa/>. Acesso em 25 nov.2023

[15] An overview of violence against LGBTI persons. A registry documenting acts of violence between january 1, 2013 and march 31, 2014. Disponível em https://www.oas.org/en/iachr/lgtbi/docs/Annex-Registry-Violence-LGBTI.pdf. Acesso em 23 nov.2023.

[16] BENEVIDES, Bruna G.. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides (Org). – Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2023., p. 34.

[17] Disponível em https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/. Acesso em 23 nov.2023.

[18] Disponível em https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/. Acesso em 23 nov.2023.

homicídio monitorados no ano de 2022 cerca de 80% vitimou pessoas entre os 18 e 35 anos[19].

Buscando elucidar o equívoco relativo à expectativa de vida de pessoas transgênero a Rede Trans Brasil expressamente afirma que 35 (trinta e cinco) anos não é a expectativa de vida, mas sim "uma média da idade das pessoas trans vitimadas, dentro do recorte do presente dossiê"[20].

O "Mapeamento das Pessoas Trans no Município de São Paulo", realizado pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), indica que a população transgênero da cidade de São Paulo é "bastante jovem, com 70% dos entrevistados terem entre 16 e 35 anos[21]. Pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP constatou que a média de idade de pessoas transgênero é de 32,9 anos, com um desvio padrão de 13,5 (a das pessoas cisgênero foi de 42,2 anos, com um desvio padrão de 15,9)[22]. São fortes indícios de como a vulnerabilidade, preconceito, segregação e discriminação impactam na existência das pessoas transgênero em nossa sociedade.

Assim, em atenção aos parâmetros mais elementares que devem nortear as pesquisas acadêmicas, é necessário se afirmar: NÃO HÁ BASE NA AFIRMAÇÃO DE QUE A EXPECTATIVA DE VIDA DE PESSOAS TRANS SEJA DE 35 (TRINTA E CINCO) ANOS. A informação que efetivamente está disponível, portanto, é que a população transgênero no Brasil é eminentemente composta de pessoas jovens, e que entre as que são vitimadas por homicídios a média etária é de 35 anos, ou que quase 80% das pessoas transgênero assassinadas apresentam 35 (trinta e cinco)

[19] ARAÚJO, Tathiane Aquino; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim; CABRAL, Euclides Afonso. Registro Nacional de Assassinatos e Violações de Direitos Humanos das Pessoas Trans no Brasil em 2022. Série Publicações Rede Trans Brasil, 7a. ed. Aracaju: Rede Trans Brasil, Uberlândia: IBTE, 2023, p. 18.

[20] ARAÚJO, Tathiane Aquino; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim; CABRAL, Euclides Afonso. Registro Nacional de Assassinatos e Violações de Direitos Humanos das Pessoas Trans no Brasil em 2022. Série Publicações Rede Trans Brasil, 7a. ed. Aracaju: Rede Trans Brasil, Uberlândia: IBTE, 2023, p. 19.

[21] CEDEC - CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Mapeamento das Pessoas Trans na Cidade de São Paulo: relatório de pesquisa. São Paulo, 2021, p. 22. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LGBT/AnexoB_Relatorio_Final_Mapeamento_Pessoas_Trans_Fase1.pdf. Acesso em 01 mai.2023.

[22] SPIZZIRRI, Giancarlo; EUFRÁSIO, Raí; PEREIRA LIMA, Maria Cristina; CARVALHO NUNES, Hélio Rubens de; KREUKELS, Baudewijntje P. C.; STEENSMA, Thomas D.; NAJJAR ABDO, Carmita Helena. Proportion of people identifed as transgender and non binary gender in Brazil. Scientific Reports. v.11:2240, 2021, p. 3.

anos ou menos. Mas tais fatos não podem ser confundidos com sua expectativa de vida.

Não podemos comungar a máxima atribuída a Joseph Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha Nazista, de que "uma mentira dita mil vezes torna-se verdade" seria admissível para a construção de uma “Fake News do Bem”. Não podemos fomentar que essa inverdade siga sendo propalada.

Forçar a manutenção de um erro seria extremamente pernicioso para as lutas das minorias sexuais pois além de ofender a ética que há de nortear tais embates haveria também o péssimo efeito de colocar em risco todas as demais questões que revelam a vulnerabilidade instalada, enfraquecendo os alicerces tão atacados nas disputas de narrativas postas.

Contudo de se notar que as mazelas que atingem as pessoas transgênero são tamanhas que fizeram com que se tomasse como verdadeira a afirmação de que a expectativa de vida seria inferior à metade daquela constatada para a população geral. Tão crível que foi amplamente acolhida.

Que esse esclarecimento possa fazer com que todos os detratores das causas tidas por identitárias passem a lutar pela coleta oficial de dados que demonstrem mesmo que a expectativa de vida das pessoas transgênero não é de meros 35 (trinta e cinco). Que seus desejos equivocados possam ser úteis para alguma coisa.

Nosso compromisso segue sendo com os parâmetros de excelência acadêmica, ainda que com isso cheguemos a conclusões que não nos agradam. E assim seguiremos.

Leandro Reinaldo da Cunha
Editor Científico
Revista Direito e Sexualidade (RevDirSex)
e-mail: leandro.reinaldo@ufba.br